



Instituto Superior de Psicologia Aplicada

Os Professores e a Violência Doméstica:

Valores e Intervenção Pedagógica

Ricardo Manuel de Oliveira Niza

Orientador de Dissertação:

Jorge Senos

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Jorge Senos

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

Mestre Em Psicologia

Especialidade em Psicologia Social e das Organizações

2008

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Jorge Senos, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Social e das Organizações conforme o despacho da DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006

RESUMO

A pertinência do estudo que aqui se apresenta prende-se com o facto de o problema da violência doméstica contra as mulheres ser tão complexo que deva ser estudado e analisado nas suas múltiplas vertentes. Daí, tentar-se perceber como é que este problema é olhado e tratado pelos professores, nas escolas, junto de crianças e adolescentes.

Este estudo teve como objectivo saber quais os valores que um conjunto de professoras de 1º, 2º e 3º ciclos revelavam em relação à família e à violência e se havia diferenças a esse respeito, entre os dois grupos definidos na amostra. Saber se se interessavam pela problemática da violência doméstica contra as mulheres, bem como se já tinham abordado esta problemática, nas salas de aula. Para aquelas que o não tinham feito, quis-se saber como viriam a abordar tal tema, o que poderia revelar-nos, simultaneamente, a sua disposição para abordá-lo na sala de aula. Também aqui quisemos saber se havia diferenças nos dois grupos da amostra.

Como atrás se referiu, foram constituídos dois grupos de docentes: um grupo que se distinguia pela variável *reflexão regular conjunta*, com os colegas de profissão, fora da escola e numa instituição que promove esse hábito de reflexão, o Movimento da Escola Moderna e um outro grupo constituído por professoras das mesmas escolas e que não dispunham desses meios de desenvolvimento profissional.

Utilizámos como instrumentos de recolha de informação, uma escala de valores- Values Index – utilizada por Lee Ann Hoff numa investigação sobre os valores dos membros das redes sociais de suporte de mulheres vítimas de maus tratos (Hoff, 1990) e um questionário complementar sobre a abordagem do tema no ensino.

Concluímos, em resposta às questões de investigação colocadas, que as professoras da amostra revelam, nas respostas à escala de valores, um posicionamento feminista, sendo essa posição ainda mais consistente no caso das professoras reflexivas (grupo MEM).

Que existem diferenças significativas entre os dois grupos de professoras, em quatro de cinco subescalas analisadas e também no que toca ao total da escala.

As professoras que já tinham abordado o tema da violência doméstica utilizaram entre três a cinco estratégias pedagógicas, enquanto que as que responderam à questão referente a uma abordagem futura mobilizaram seis a oito estratégias.

Palavras-chave: Violência doméstica, valores, professores reflexivos.

ABSTRACT

The relevance of this study is related to the fact that the problem of domestic violence against women is so complex that it should be studied and analyzed from multiple angles. This case study investigates how this problem is regarded and addressed by teachers in schools, with children and adolescents.

For this purpose, we created two sample groups of teachers: one that is characterised by the *joint regular reflection* on domestic violence variable, with co-workers, outside the school and with an institution that promotes reflection, the Movimento da Escola Moderna. The other group was composed of teachers from the same schools but who did not have the same means of professional development.

The objective of the study involved investigating what were the values that a set of teachers in the 1st, 2nd and 3rd school stages revealed concerning the themes of family and violence and if there were differences in this respect between the two groups defined in the sample.

The study evaluated their interest in the problem of domestic violence against women, and whether they had already addressed it in the classroom. For those who had not, we sought to understand their possible willingness to tackle the issue and how they would address it. Here too, we wanted to understand whether there were differences between the two groups of the sample.

A range of values -Values Index - developed by Lee Ann Hoff in research on the values of members of social support networks for women victims of abuse (Hoff, 1990) and an additional questionnaire approaching the topic in education were used as tools for gathering information.

We conclude that the sample of teachers reveals a feminist position through their answers in the values scale, and that this position is even more consistent in the case of reflexive teachers (MEM group).

Also, there are significant differences between the two groups of teachers in four of the five subscales analyzed and also with regards to the overall scale.

The teachers who had already addressed the issue of domestic violence used between three to five pedagogical strategies, while those who evidenced interest in a future approach, mobilized six to eight strategies.

Keywords: Domestic violence, values, reflective teachers.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
<i>A Violência Doméstica</i>	4
<i>Violência Doméstica Contra as Mulheres</i>	4
<i>Abusos físicos</i>	5
<i>Abusos sexuais</i>	5
<i>Abusos psicológicos e emocionais</i>	6
Teorias Psicológicas sobre a Violência Doméstica	7
<i>Teorias Psicossociais</i>	7
<i>Teorias Psicanalíticas</i>	7
<i>A Atribuição Patológica</i>	8
<i>A Transmissão Geracional ou o Ciclo da Violência.</i>	8
METODOLOGIA	10
<i>Participantes</i>	10
<i>Instrumentos</i>	11
<i>Procedimento</i>	12
RESULTADOS	13
<i>Questionário de Valores em relação à V.D. - Escala de Valores</i>	13
<i>Questionário sobre a abordagem da V. D. na educação escolar</i>	19

CONCLUSÃO	22
REFERÊNCIAS	24
ANEXOS	
ANEXO A- Questionário Demográfico	29
ANEXO B- Escala de Valores	31
ANEXO C- Questionário sobre a abordagem da Violência doméstica na educação escolar (perguntas abertas).	42
ANEXO D- Análise de Conteúdo das perguntas abertas	46
ANEXO E- Outputs extraídos do tratamento estatístico efectuado	60
ANEXO F- Representação gráfica relativa à caracterização da amostra	63
ANEXO G- Representação gráfica relativa às respostas a alguns itens que evidenciam as diferenças entre os participantes.	66

INTRODUÇÃO

Segundo dados da Associação de Apoio à Vítima (APAV, 2008), em Portugal no ano de 2007 foram registados 14.534 crimes de violência doméstica. Deste número, 32% correspondem a maus-tratos psicológicos e 30% a maus-tratos físicos. As vítimas destes crimes são maioritariamente mulheres (89%) com idades compreendidas entre os 26 e os 55 anos de idade, sendo 51% destas casadas e estando 15% em união de facto. Quanto ao nível de ensino, surpreendentemente, as vítimas distribuem-se de forma bastante equitativa entre o 1º, 2º, 3º ciclos, secundário e ensino superior. Os locais de residência das vítimas são os distritos de Lisboa (32%), Porto (11,7%), Faro (10,2%) e Setúbal (6,9%). Em relação ao local do crime, 77% das mulheres referiram a residência comum (à vítima e ao agressor). No que toca à regularidade com que a violência é exercida, 64, 29% é considerada continuada, 19,64 é episódica e 16, 07% é ocasional.

O problema da violência doméstica contra as mulheres é tão complexo que deve ser estudado e analisado em todas as suas vertentes, com o fim de se perceber o que se poderá fazer para explicar as suas causas, circunscrevendo os seus limites e agindo, de seguida, na tentativa de o erradicar, gradualmente. Decorre daí o desejo de se perceber como é que este problema é olhado e tratado, na escola, junto das crianças e dos adolescentes. O estudo que agora se apresenta tem como objectivo compreender como é que os agentes educativos (os professores) que mais tempo passam com as crianças e que maior poder de influência têm sobre elas, se posicionam em relação à violência doméstica contra as mulheres e também como é que pensam dever agir na sala de aula, quando confrontados com uma temática desta natureza.

Trata-se de um estudo transversal de Psicologia, que mobiliza simultaneamente as áreas Clínica, Educacional e Social

Querendo saber a posição destes agentes educativos, sobre a violência doméstica, escolhemos dois grupos de docentes (a amostra é inteiramente do sexo feminino, por razões de conveniência que se prendem com a esmagadora maioria dos docentes portugueses serem

mulheres) que se distinguem pela variável *reflexão regular conjunta*, com os colegas de profissão, fora da escola e numa instituição que promove essa mesma reflexão, o Movimento da Escola Moderna, onde se debatem e analisam, continua e sistematicamente, os problemas educativos e a melhoria das práticas pedagógicas.

Assim sendo, tínhamos um grupo de professoras que procedia à reflexão colectiva, fora da escola e um outro grupo que não o fazia. O que quisemos saber foi se existiam diferenças na maneira como estes dois grupos de professoras se posicionam em relação à violência doméstica e à forma de abordagem deste tema na sala de aula. Quisemos perceber se o facto de haver um grupo de professoras que se reúne regularmente fora do perímetro escolar, trabalhando em conjunto e reflectindo nas problemáticas surgidas nos seus contextos escolares, é influenciador da maneira como se posicionam em relação à violência doméstica e em relação a uma abordagem concreta ou possível, deste tema junto dos seus alunos.

Se a violência doméstica atravessa toda a sociedade, sendo um problema global, como poderemos verificar através dos estudos realizados em inúmeros países, como se explicita mais à frente (págs. 5 e 6) pensamos que a Escola poderá ser um local privilegiado para o debate e para o início do seu combate, restando saber se as próprias professoras estão isentas dos preconceitos existentes em relação ao papel da mulher na sociedade e se estarão preparadas para a abordagem deste tema, nas escolas.

Tratava-se, com efeito, de apurar que concepções têm as professoras de cada um dos grupos, tal como se fez com trabalhos da mesma natureza com outros grupos profissionais (médicos, assistentes sociais, agentes da polícia de segurança pública, entre outros) podendo assim comparar-se as respostas obtidas.

Mas tratava-se também de saber como é que estas professoras encaram a sua acção formadora junto dos alunos como uma das dimensões da formação pessoal e social destes, isto é, do seu desenvolvimento sócio-moral.

Ser profissional reflexivo na área da educação e do ensino pressupõe a disposição psicológica e a capacidade de cada um desses profissionais (os professores) estudarem continuamente a maneira como ensinam e de melhorarem essa prática com o tempo, responsabilizando-se assim pelo seu próprio desenvolvimento profissional (Zeichner, 1993).

Na literatura sobre a prática reflexiva no ensino, como noutras profissões, a reflexão é um processo que ocorre *antes e depois* da acção e, de algum modo, *durante* a acção, na medida em que os práticos têm diálogos interiores ou mesmo conversas reflexivas, em plena prática, onde enquadram e resolvem problemas enquanto agem. É o que Schon (1983) chama de Reflexão na Acção. Os professores reflexivos analisam o seu ensino, tanto na acção, como a partir da acção.

Uma maneira de compreender a prática reflexiva é encará-la como o fazer vir à superfície as “teorias práticas” do profissional, (aqui, do professor), para a sua análise crítica ou discussão. Assim, ao expor e examinar as suas teorias práticas a si próprio e aos seus colegas, o professor tem mais probabilidades de se aperceber das suas dificuldades.

É discutindo no seio dos grupos de trabalho entre professores, como se faz no Movimento da Escola Moderna que estes passam a ter mais hipóteses de aprenderem uns com os outros, passando a ter mais autonomia sobre o desenvolvimento da sua profissão assente na responsabilização sobre o seu ensino, nas condições sociais que modelam as suas experiências profissionais.

É de facto Schon o teorizador que se distingue neste âmbito a partir da sua obra “*The Reflective Practitioner: How professional think in action*” (1983) onde critica o actual paradigma da formação profissional, baseado num racionalismo técnico traduzido num modelo de aplicação da ciência aos problemas concretos da prática. Propõe-nos como alternativa uma epistemologia da prática que tenha como referência as competências que estão subjacentes à prática dos bons profissionais defendendo que a formação dos futuros profissionais venha a incluir uma forte componente de reflexão a partir de situações práticas reais, ao longo de todo o seu desenvolvimento profissional, tal como acontece no Movimento da Escola Moderna.

A Violência Doméstica

A definição de violência doméstica que predomina em Portugal traduz-se por “qualquer conduta ou omissão que inflija, reiteradamente, sofrimentos físicos, sexuais, psicológicos, ou económicos, de modo directo ou indirecto (por meio de ameaças, enganos, coacção ou qualquer outro meio), a qualquer pessoa que habite no mesmo agregado doméstico ou que, não habitando, seja cônjuge ou companheiro ou ex-cônjuge ou ex-companheiro, bem como ascendentes ou descendentes”. (Comissão de Peritos para o Acompanhamento da Execução do Plano Nacional contra a Violência Doméstica, 2000).

Violência Doméstica Contra as Mulheres

A Declaração das Nações Unidas acerca da eliminação da violência contra as mulheres (United Nations, 1993) define violência contra as mulheres como "qualquer acto de violência baseada no género que resulte ou possa vir a resultar em qualquer tipo de sofrimento físico, psicológico ou sexual nas mulheres, incluindo ameaças, coerção ou a privação arbitrária da liberdade, ocorrendo estes em público ou em privado".

Esta definição refere-se aos hábitos de violência baseados no género, reconhecendo que a "violência contra as mulheres é um dos mais importantes mecanismos sociais através dos quais as mulheres são submetidas a uma posição de desigualdade e inferioridade em relação aos homens".

Muitas mulheres cresceram no seio de um sistema de valores que promove a aceitação da violência doméstica e a obrigação de manter a família unida, custe o que custar. Mesmo que as crenças religiosas e culturais contemplem responsabilidades recíprocas para homens e mulheres, a uma mulher maltratada pelo seu marido, não restam muitas alternativas. Quanto mais não seja, a dependência económica a que a mulher está sujeita faz com que lhe seja praticamente impossível abandonar a casa e o seu parceiro. (Jervis, 1986).

Abusos físicos

A forma mais conhecida de abuso cometido por um homem contra uma mulher é a violência física. Estima-se que perto de 90% dos casos de ataques (Hanmer & Stanko, 1985) começam com uma bofetada ocasional, mas não se ficam por aí, continuando ao longo do tempo, sendo cada vez mais frequentes e com consequências cada vez mais graves.

Um crescente número de estudos reafirma a existência de violência física um pouco por todo o Mundo. Dados da UNICEF - *Innocenti Research Centre* (Junho de 2000) relativos a países industrializados e desenvolvidos bem como a países em vias de desenvolvimento fornecem-nos uma visão global do problema: No Canadá, de uma amostra de 12,300 mulheres a nível nacional, 29% referiram ter sido agredidas pelo parceiro actual ou por um ex-parceiro. Na Suíça, 20% de uma amostra de 1500 mulheres referem ter sido agredidas (dados do ano 1997). Na Índia, de uma amostra de 6902 homens casados (do estado de Uttar Pradesh) cerca de 45% dos homens reconheceu abusar fisicamente das suas esposas. No Egipto, 35% das mulheres de uma amostra representativa a nível nacional referiram ter sido agredidas pelo cônjuge. No Chile, 26% das mulheres (de uma amostra da província de Santiago) relataram pelo menos um episódio de violência física por parte do parceiro.

Dobash e Dobash (1992) verificaram que as primeiras bofetadas e golpes que causaram cortes e escoriações, deram azo a situações como atirar a mulher ao chão ou esmurrá-la. As lesões graves vão-se convertendo, então, em algo habitual, com consequências como, fracturas, queimaduras, abortos causados por agressões violentas, lesões internas, tentativas de estrangulamento.

Abusos sexuais

Russell (1990) na sua investigação, constatou que muitas mulheres desconheciam que tinham o direito de decidir se queriam ou não manter relações sexuais com os seus parceiros (companheiros, cônjuges, ex-cônjuges), e portanto não descreviam as violações sofridas como tais. Estes integram a categoria de violadores mais habitual e repetem as suas agressões com maior frequência do que qualquer outro tipo de violador - algumas mulheres sofreram tais abusos milhares de vezes e estes actos podem ser tão traumáticos como os cometidos por

estranhos. Apesar disso é extremamente difícil para uma mulher apresentar queixa nestes casos.

Embora alguns países já tenham começado a legislar contra a violação conjugal (ex. Austrália, França, México, África do Sul, Espanha, Inglaterra ou EUA), os abusos sexuais por parte do parceiro de relação, ainda hoje não são considerados crime em grande parte do mundo. Estudos realizados em vários países (UNICEF-icdc, 2000) revelam que cerca de 10% a 15% das mulheres relatam ter sido obrigadas a ter relações sexuais com o seu parceiro de relação.

Abusos psicológicos e emocionais

Os abusadores também utilizam deliberadamente táticas psicológicas para reforçar o seu controlo sobre as mulheres.

Entre as táticas de controlo que os homens utilizam inclui-se o abuso emocional, que se traduz em palavras ou acções utilizadas com o intuito de debilitar a força interior da mulher e enfraquecer a sua auto-imagem e auto-estima. É habitual, as mulheres que conseguem sobreviver, considerarem que de todos os males por que passaram, o mais destrutivo tenha sido a humilhação e a degradação (Kelly, 1988).

Através de relatos das vítimas percebemos que a violência emocional continuada é muitas vezes mais insuportável do que a brutalidade da violência física, encontrando-se esta mais directamente ligada à elevada taxa suicídio e tentativa de suicídio. Diversos estudos de países como os EUA, as Ilhas Fiji, o Peru, a Índia ou o Sri Lanka (UNICEF-icdc, 2000) reafirmam a existência de uma estreita correlação entre violência doméstica e suicídio. Nos EUA, 35% a 40% das mulheres vítimas de violência doméstica tentaram o suicídio. No Sri Lanka, a taxa de suicídios de jovens mulheres entre os 15 e os 24 anos é 55 vezes maior do que o número de mortes devido a complicações relacionadas com a gravidez.

Teorias Psicológicas sobre a Violência Doméstica

Teorias Psicossociais

Estas teorias defendem que os homens se tornam individualmente violentos, por reacção às pressões sociais como a pobreza, o desemprego ou a exploração laboral, o racismo, a falta de qualidade de vida e a falta de esperança no futuro (Smith, 1989). Sustentam que estas situações conduzem à frustração e ao stress e que estes, por sua vez, se manifestam através de violência.

Contudo, apesar dos problemas sociais terem extrema importância e serem, por vezes, factores catalisadores de violência e maus tratos, não poderão estes servir para desculpabilizar os agressores pelos seus actos e não explicam porque razão tantos homens que enfrentam realidades de grande precariedade social, não maltratam as suas parceiras.

Teorias Psicanalíticas

Estas teorias buscam uma explicação para os abusos sofridos pela mulher, na sua própria personalidade (Dobash & Dobash, 1992), baseando-se em conceitos como o masoquismo (Shainess, 1984), para explicar a submissão e o sofrimento como forma de vida- ou a impotência aprendida (Walker, 1978, págs. 525-534), o que explicaria porque razão a mulher maltratada não abandona o seu parceiro agressor. Mais ainda, segundo estas teorias as mulheres maltratadas tendem a passar de uma relação para outra, sempre à procura de parceiros que as maltratem. Para J.J. Gayford (1975, págs. 194-197), «há muitas mulheres que procuram homens violentos».

Por outro lado, há alguns dados que apontam o facto de homens que são violentos numa relação, continuarem a sê-lo nas relações seguintes. Segundo um estudo de Pagelow (Pagelow

1981, pág. 62), 57% dos homens violentos que tinham sido casados anteriormente com outra mulher, também a maltratavam.

A Atribuição Patológica

A perspectiva psicológica convencional de violência masculina considera-a como a conduta de homens “doentes” ou com “transtornos psíquicos” (Maynard, 1993, pág. 109). Os investigadores tentaram encontrar uma patologia individual masculina baseada em disfunções orgânicas ou em alterações da bioquímica cerebral (Dobash y Dobash, 1992, págs. 236) e mais frequentemente em disfunções psicológicas, mas não conseguiram descobrir um modelo consistente, que fosse nesse sentido (Bograd, 1988, pág. 17).

Contudo, os maus-tratos que as mulheres sofrem estão demasiado generalizados e têm uma dimensão demasiado grande, para serem considerados como uma conduta marginal de alguns homens.

A Transmissão Geracional, ou o Ciclo da Violência.

A revisão de literatura sobre a transmissão geracional ou o «ciclo de violência» como sendo causadora da violência doméstica, demonstrou que estas contêm erros na sua metodologia. Muitas vezes, naqueles estudos a partir dos quais se afirma ter-se verificado a existência de um ciclo de violência, a percentagem de adultos agressores ou vítimas de maus-tratos que tinham tido uma infância violenta, anda abaixo dos 50%. Isto significa que, em muitos estudos, a maioria dos agressores e vítimas provêm de contextos familiares definidos como não violentos (Mullender, 1995, págs.79-98).

O objectivo deste estudo é identificar os valores manifestados por dois grupos de professoras em relação à violência doméstica contra as mulheres e compará-los. É também o tentar

perceber qual a importância que atribuem à abordagem deste tema nas suas salas de aula, junto dos alunos.

METODOLOGIA

Este estudo é de carácter descritivo dado que pretendemos desenvolver procedimentos para compreender os acontecimentos que ocorrem, naturalmente, sem a nossa intervenção, e quais os efeitos nos participantes em estudo.

É um estudo de comparação entre grupos, pois consideramos dois grupos, cada um com características distintas.

É um estudo exploratório, pelo que deveremos ter em consideração que em estudos exploratórios qualquer resultado é bom e pode ser sempre discutido.

Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 79 professoras dos 1º, 2º e 3º ciclos e, por conveniência de investigação, é integralmente formada por elementos do sexo feminino, dado que a população de docentes de 1º, 2º e 3º ciclos em Portugal é, na sua esmagadora maioria, composta por mulheres. Esta amostra divide-se em dois grupos.

Um grupo integra 40 docentes que se caracterizam pela participação sistemática em programas de auto-formação cooperada, promovidos por uma instituição específica - o Movimento da Escola Moderna Portuguesa e como tal são aqui considerados profissionais reflexivos.

O outro grupo é constituído por 39 docentes (de início este grupo tinha 40 elementos, tendo-lhe sido retirado um sujeito, dada a omissão de resposta a grande parte do inquérito, o que poderia enviesar os resultados). Estes docentes não integram actividades sistemáticas de análise e reflexão sobre as suas práticas e como tal, apenas no âmbito deste estudo, são designados por profissionais não reflexivos.

Instrumentos

Por forma a recolher a informação necessária para a realização deste estudo utilizou-se em primeiro lugar um questionário demográfico constituído por questões relacionadas com a idade e o estado civil do docente, o nível de ensino em que lecciona, os anos de profissão e a escola onde o docente lecciona.

Em seguida utilizou-se um questionário de valores - Values Index - utilizado por Lee Ann Hoff no contexto de uma investigação sobre os valores dos membros das redes sociais de suporte de mulheres vítimas de maus tratos (Hoff, 1990), o qual foi posteriormente traduzido e adaptado no âmbito de uma monografia de fim de licenciatura do ISPA (Maria S. 1997).

Este questionário é composto por 54 itens e as posições reveladas situam-se num *continuum* entre valores mais feministas ou mais tradicionalistas, no que respeita à condição de mulher, ao casamento, à família e à violência.

Os itens deste questionário são cotados através de uma escala de Likert de 5 pontos, variando de “concordo totalmente” a “discordo totalmente”, traduzindo valores mais feministas ou mais tradicionalistas.

Os 54 itens foram organizados em seis subgrupos:

Cultura de Violência, Abuso Psicológico, Determinismo Biológico, Medicalização da Violência, Igualdade Económica e aspectos da Classe Social, Privacidade Conjugal e Solidariedade Feminina

Por fim, com o objectivo de adaptar este questionário à amostra escolhida acrescentaram-se algumas perguntas abertas acerca da abordagem da violência doméstica no contexto da educação escolar.

Procedimento

O contacto com os participantes deste estudo realizou-se através de “intermediários” que distribuíram os questionários e explicaram o seu funcionamento bem como os objectivos da investigação em causa.

Recorremos a estes intermediários devido à conjugação de factores, dimensão e dispersão geográfica da amostra pois participaram neste estudo 80 docentes de escolas de norte a sul do país.

Foram distribuídos 40 questionários a professores associados do Movimento da Escola Moderna e outros 40 questionários a professores que não eram associados desta instituição, sendo que as questões G e H do questionário (respectivamente: - tem reflectido, em grupo de professores, sobre as práticas educativas? e – diga em que contexto o tem feito) foram utilizadas com o propósito de comprovar a pertença dos participantes a cada grupo.

Os questionários foram recolhidos e os dados neles contidos foram analisados recorrendo ao programa informático *SPSS 10 for Windows*.

De forma a analisar os resultados utilizámos medidas descritivas (média e desvio padrão), por grupo.

Utilizámos a técnica da Análise de Variância. Em cada uma das Análises realizadas, a variável independente foi Grupo (grupo MEM / grupo Não MEM) e as variáveis dependentes foram as cinco subescalas do questionário e o total da escala.

RESULTADOS

Questionário de Valores em relação à V.D. - Escala de Valores

Relativamente à primeira questão de investigação (será que os valores destes professores, em relação à violência doméstica contra as mulheres são valores mais feministas ou mais tradicionalistas?) analisámos os valores totais obtidos por cada um dos sujeitos.

Como existem sete itens considerados neutros, a cotação mais baixa possível é de 47 pontos (correspondendo a uma posição mais tradicionalista) e a cotação mais alta possível é de 235 pontos (o que corresponde a uma posição mais feminista), o que faz com que a mediana (valor médio possível) seja 141. Fazendo a comparação deste valor com as médias dos valores totais dos sujeitos dos dois grupos da nossa amostra, que foram de 188.5 (com desvio padrão de 10.68) para o grupo MEM e 181.1 (com desvio padrão de 10.97) para o grupo Não MEM, constatamos que a pontuação das participantes dos dois grupos revela um posicionamento feminista, sendo essa posição ainda mais consistente, no caso do primeiro grupo.

Observa-se também, ao debruçarmo-nos sobre os valores totais dos sujeitos, que a cotação individual mais elevada é de 209.5, pertence a uma docente do grupo MEM e está muito próxima da cotação máxima, enquanto que a cotação individual mais baixa se cifra nos 160, diz respeito a uma docente do grupo Não MEM e não dista muito dos valores considerados tradicionalistas.

São apresentadas na Tabela 1 as estatísticas descritivas, média e desvio padrão relativas aos resultados dos dois grupos de participantes, em relação às cinco subescalas e ao total da escala, com o objectivo de posicionar as respostas dos participantes em termos de valores tradicionalistas e feministas.

	Média		Desvio Padrão	
	MEM	Não MEM	MEM	Não MEM
Cultura de Violência	4.52	4.23	0.55	0.72
Determinismo Biológico	4.15	3.68	0.65	0.68
Medicalização da Violência	3.73	3.53	0.64	0.57
Igualdade Económica	4.09	3.77	0.47	0.66
Privacidade Conjugal	3.98	3.57	0.57	0.63
Total da Escala	4.01	3.85	0.227	0.233

TABELA 1- Médias e Desvios Padrão das Subescalas e Total da Escala

No que toca à subescala *Cultura de Violência*, tanto as docentes que pertencem ao grupo MEM como as que pertencem ao grupo Não MEM revelam valores claramente acima dos 4 pontos (valores seguramente feministas), sendo que o grupo MEM mostra resultados um pouco superiores aos do grupo Não MEM (a média do grupo MEM é de 4.52 e a média do grupo Não MEM é de 4.23).

Esta subescala está relacionada com a teoria da transmissão intergeracional da violência, remetendo para aspectos educacionais e socializantes tais como a punição física das crianças como método de educação. Como já foi referido, as participantes do estudo revelaram um posicionamento feminista, não aceitando ideias como, os agressores ou as vítimas de violência doméstica terem tido uma infância violenta que justifique a sua presente situação e que assim a culpa dos actos violentos esteja, quase unicamente na família de origem do agressor ou da vítima. Também os dois grupos da amostra, recusam tal ideia, o que vem ao encontro de Strauss (1980, págs. 681-704) que refere que nenhuma das investigações defensoras da teoria da transmissão geracional confirma a hipótese de que os casais, entre os quais a violência doméstica é uma realidade, tenham tido também pais violentos entre eles.

Em relação ao *Determinismo Biológico*, que procura relacionar aspectos biológicos com o Género, determinando comportamentos considerados apropriados (ideia da mulher meiga e,

como tal, submissa, e o homem agressivo e, consequentemente, violento), as docentes de ambos os grupos revelam ter valores feministas. No entanto, o grupo MEM obtém resultados claramente mais elevados, ultrapassando os 4 pontos, (ao contrário do grupo Não MEM) e por isso se diz que tem um posicionamento mais feminista, (a média do grupo MEM é de 4.15 e a média do grupo Não MEM fica-se pelos 3.68).

Quanto à subescala *Medicalização da Violência*, esta diz respeito à atribuição frequente de aspectos clínicos à violência doméstica, os quais servem, de algum modo, como atenuantes dos comportamentos violentos. Ideias como o indivíduo sofrer de distúrbios mentais ou os seus impulsos agressivos serem algo inevitável ou ainda a violência doméstica estar intensamente relacionada com o consumo de álcool, são muito habituais na nossa sociedade e servem como desculpabilização para os actos de violência doméstica perpetrados por homens violentos.

Os valores das participantes do estudo, quanto a esta subescala revelam um posicionamento feminista, embora não atinjam valores tão elevados como as categorias anteriores (ambos os grupos apresentam valores abaixo dos 4 pontos). Apesar disso também aqui o grupo MEM demonstra valores superiores ao grupo Não MEM (a média do grupo MEM é de 3.73 e a média do grupo Não MEM é de 3.53).

Como se pode verificar, as participantes do estudo contrariam a teoria da atribuição patológica para as causas das acções violentas dos homens para com as mulheres, embora não o façam de forma tão clara e expressiva como em outras ocasiões. Pensamos que o peso do mito em relação à existência de um transtorno psicológico por detrás das acções violentas é ainda bastante elevado, havendo alguma incredulidade em que estas acções se produzam com perfeito juízo.

A subescala *Igualdade Económica e Aspectos de Classe Social* está directamente relacionada com as assimetrias a nível profissional, económico, de divisão de tarefas (por exemplo, na educação dos filhos) e dos papéis do homem e da mulher. Está também ligada com a ideia da violência doméstica acontecer somente no seio de minorias étnicas e das classes sociais mais desfavorecidas. Relativamente a esta categoria, o posicionamento das participantes volta a ser

claramente feminista e observa-se também que os resultados do grupo MEM são significativamente superiores aos do grupo Não MEM, sendo que o primeiro ultrapassa os 4 pontos e o segundo não (a média do grupo MEM cifra-se nos 4.09 enquanto que a média do grupo Não MEM regista 3.77).

Sendo a nossa amostra constituída exclusivamente por mulheres licenciadas torna-se normal que as participantes do estudo revelem um posicionamento bastante feminista quando confrontadas com ideias de igualdade de direitos e partilha de tarefas. Em relação ao mito dos maus-tratos domésticos serem atribuídos a condições de vida precárias de desemprego ou pobreza, as participantes do estudo revelam contrariá-lo, assegurando uma posição condizente com os estudos que revelam não existir uma correlação entre os rendimentos e a violência doméstica. A maior visibilidade do número de casos de violência doméstica nas classes mais desfavorecidas é tão só a consequência destas não terem outra alternativa senão recorrerem à ajuda estatal, ao contrário das mulheres com condições de vida melhores, que podem suportar os custos do abandono do lar, evitando assim o recurso a um abrigo para vítimas de violência doméstica.

Relativamente à subescala *Privacidade Conjugal e Solidariedade Feminina*, esta diz respeito aos conceitos de privacidade, intimidade e união das mulheres de forma a combaterem a violência doméstica. As docentes que participaram neste estudo revelam, mais uma vez, um posicionamento feminista embora neste caso nenhum dos grupos ultrapasse os 4 pontos. Também aqui o grupo MEM revela valores significativamente superiores ao grupo Não MEM (a média do grupo MEM é 3,98 e média do grupo Não MEM é de 3,57).

A questão da privacidade foi determinante para que se perpetuassem os maus-tratos domésticos, pois o que se passava para lá da porta só aos seus donos dizia respeito. Neste sentido, o papel das feministas em divulgar e desmistificar a questão dos maus-tratos foi extremamente importante, pois ajudou à passagem da violência doméstica de problema privado a problema público. E é assim que um problema privado inicia a caminhada no sentido de se tornar um problema social: quando se constata a presença de um grupo descontente, o que fará com que o problema se torne público (Kituse e Spector, 1973, págs. 407-419).

Analiseemos agora a subclasse *Abuso Psicológico* que é constituída apenas pelo item 54, item este que não faz parte da medida dos valores respeitantes ao total da escala e é considerado neutro. Esta subclasse está directamente relacionada com as formas de violência psicológica como sendo os insultos e a humilhação. Este tipo de violência é, por vezes, tão ou mais marcante para as mulheres do que a própria violência física. Em relação à afirmação de que o abuso psicológico das mulheres pode ser ainda pior que o abuso físico, de um total de 40 participantes pertencentes ao grupo MEM, 20 concordam e 14 concordam totalmente, não havendo ninguém que discorde totalmente ou apenas discorde da afirmação. No caso dos participantes que integram o grupo Não MEM a situação é relativamente diferente, já que de um total de 39 respondentes, 17 afirmam concordar totalmente, 14 concordam e 2 elementos discordam desta ideia. As respostas das participantes vão assim ao encontro dos testemunhos e dos estudos que nos indicam que a violência psicológica em forma de humilhação e a degradação é o mais destrutivo (Kelly, 1988).

Em relação ao *Total da Escala* o grupo MEM, com média de 4.01, demonstra também valores superiores ao grupo Não MEM, com o valor da média a registar 3.85,

No que respeita à segunda questão de investigação (será que há diferenças entre os professores classificados como profissionais reflexivos e os professores que não se inscrevem nessa classificação, quanto aos valores relativos à violência doméstica) procedeu-se à análise das possíveis diferenças significativas entre os dois grupos da amostra, relativamente às subescalas e totais da escala, tendo para isso sido utilizado o teste estatístico Análise de Variância.

Esta análise revelou que, para $\alpha = 0.05$ existem diferenças significativas em quatro das cinco subescalas observadas e também no que toca ao total da escala. Observando a subescala *Cultura de Violência* são reveladas diferenças significativas entre os valores do grupo MEM e os valores do grupo Não MEM ($F_{(1, 77)} = 3.972$, $p = .050$), podendo dizer-se que as docentes do grupo MEM se caracterizam por um posicionamento efectivamente mais feminista do que as docentes do grupo Não MEM.

Também a subescala *Determinismo Biológico* revela diferenças significativas entre os valores do grupo MEM e os valores do grupo Não MEM ($F_{(1, 77)} = 9.602$, $p = .003$), tendo as docentes do grupo MEM, também aqui, um posicionamento significativamente mais feminista quanto aos valores da violência doméstica.

Na subescala *Igualdade Económica e Aspectos de Classe Social* também se constatou haver diferenças significativas entre os dois grupos estudados, diferenças expressas no valor de F ($F_{(1, 77)} = 6.287$, $p = .014$), podendo assim afirmar-se que, quanto a esta subescala, as participantes do grupo MEM têm uma posição significativamente mais feminista do que as do grupo Não MEM.

Como relativamente a esta subescala, ao contrário do que aconteceu com as restantes e com o total da escala, se constatou existir heterocedasticidade, repetimos a comparação entre os dois grupos usando o teste não paramétrico de Mann-Whitney. Os resultados deste teste confirmaram os da ANOVA ($U = 571.000$, $p = .037$).

Quanto à subescala *Privacidade Conjugal e Solidariedade Feminina* registamos igualmente diferenças significativas entre o grupo MEM e o grupo Não MEM, ($F_{(1, 77)} = 9.276$, $p = .003$), havendo também aqui um posicionamento significativamente mais feminista por parte do grupo MEM.

No que diz respeito ao Total da Escala voltam a observar-se diferenças significativas entre os resultados das docentes dos dois grupos que formam a nossa amostra ($F_{(1, 77)} = 9.251$, $p = .003$). Pode afirmar-se que as docentes do grupo MEM se caracterizam por um posicionamento significativamente mais feminista do que as docentes do grupo Não MEM.

Apenas a subescala *Medicalização da Violência* ($F_{(1, 77)} = 2.249$, $p = .138$) não verifica diferenças significativas para $\alpha = 0.05$.

Uma vez conhecido o perfil de ambos os grupos no que respeita aos valores que manifestam, parece poder relacionar-se o perfil mais feminista das professoras do MEM com o facto de adoptarem uma postura reflexiva e crítica na sua formação permanente e sistemática.

Questionário sobre a abordagem da V. D. na educação escolar (perguntas abertas)

Foi também pedido a cada sujeito da população que respondesse a um pequeno questionário de perguntas abertas com que se pretendia complementar a informação obtida das respostas à escala de valores e onde simultaneamente pudéssemos conhecer a utilização para fins educativos, feita por estas professoras, do problema social em estudo. Perguntou-se, para esse efeito, se já tinham abordado o tema da violência doméstica na sala de aula, como o abordaram e com que dificuldades se depararam no contexto escolar. No caso dos participantes que responderam não ter abordado, quis-se saber se consideravam este tema importante ou pouco importante. Pediu-se ainda aos que considerassem o tema pouco importante que justificassem a sua resposta.

Aos que não abordaram o tema da Violência Doméstica na sala de aula mas que a consideraram como tema importante de educação perguntou-se de que forma poderiam abordá-lo e que dificuldades poderiam vir a enfrentar ao tratá-lo com os alunos.

Para o tratamento da informação obtida com as respostas analisámos em conjunto os modos de abordagem referidos não só pelas professoras que já tinham abordado o tema mas também as que, não o tendo ainda abordado, diziam como pensavam poder abordá-lo. Categorizaram-se os enunciados analisados por decomposição semântica, seguindo Bardin (1991), estabelecendo unidades semânticas em termos de modalidades ou estratégias de acção pedagógica. Para manter a máxima aproximação aos enunciados recolhidos obtivemos catorze categorias que designámos por *estratégias de ensino* e às referências ou enunciados chamámos *modos de abordagem*. Os catorze tipos de estratégias obtidos foram designadamente: “sem estratégia pensada”; “através de referência a normas e valores”; “abordagem directa e informal”; “abordagem com ajuda de especialistas na matéria”; “a partir do tema da família e da relação de Género”; “organização de debates”; “numa perspectiva histórica”; “a partir de episódios de relação violenta entre pares”; “a partir dos direitos humanos”; “a partir da ficção” ou “por dramatização”; “a partir de notícias dos media”; “no contexto do currículo”; “a partir da vivência dos alunos” e “por iniciativa dos alunos”.

Nas respostas à pergunta (A), “Já alguma vez abordou o tema da violência doméstica na sala de aula?” 50 dos 79 participantes responderam não ter abordado este tema enquanto 27 responderam afirmativamente. Apenas dois deles não responderam. De entre os participantes que abordaram alguma vez o tema da violência doméstica na sala de aula o Grupo MEM com 18 respostas (sim) duplica o Grupo Não MEM com 9 respostas (sim).

Às professoras que responderam não ter abordado o tema na sala de aula pediu-se-lhes que revelassem o seu juízo de importância do tema para a educação escolar, pelo que se procurou saber como pensariam vir a abordá-lo, no caso de o considerarem importante.

O grupo de professoras MEM refere cinco estratégias, dando prioridade à abordagem a partir da vivência dos alunos (35%), seguida da abordagem no contexto do currículo e da organização de debates, ambas com idêntica importância (22%). O grupo de professoras Não MEM, sendo metade das do Grupo MEM, apenas referiu estas três estratégias com prioridade para a abordagem a partir da vivência dos alunos (55%) seguida da abordagem no contexto do currículo (27%).

O conjunto de professoras que ainda não abordou o tema da violência doméstica com os alunos mobiliza doze das catorze estratégias categorizadas.

Nas doze estratégias antecipadas para eventual utilização, o grupo Não MEM refere sete variantes, tendo uma delas o peso de 10% das referências “sem estratégia pensada” enquanto o grupo MEM refere oito estratégias diferentes.

É curioso verificar o alargado leque de estratégias mobilizadas intelectualmente pelas professoras que ainda não abordaram o tema com os seus alunos tendo em conta que as professoras que o abordaram efectivamente apenas utilizaram cinco modalidades estratégicas, quando se trata de professores MEM ou três para professores Não MEM.

Acresce que, se analisarmos com mais pormenor a natureza das estratégias escolhidas para actuação provável, verificamos que as estratégias seleccionadas pelas professoras Não MEM são de cunho mais defensivo e conservador, como por exemplo, “através da referência a normas e valores”, “abordagem directa e informal” ou “abordagem com ajuda a especialistas na matéria” e até “sem estratégia pensada” por oposição às professoras do grupo MEM que,

para além das três estratégias em comum seleccionadas, admitem poder abordar o problema “a partir do tema da família e da relação do Género”, pela “organização de debates”, “numa perspectiva histórica”, “a partir de episódios de relação violenta entre pares” ou ainda “a partir dos direitos humanos”.

Debrucemo-nos, agora, sobre as dificuldades experimentadas pelas dezoito professoras do MEM e pelas nove professoras do Grupo Não MEM, correspondentes à pergunta B do questionário (“se respondeu sim, diga como o abordou e que dificuldades teve”).

Com efeito as principais dificuldades referidas por ambos os grupos dizem respeito à delicadeza do tema e sobretudo ao facto de se ter de tocar em vivências traumáticas de alguns alunos embora se destaque um número relevante de referências (25%) na categoria que aglutina os enunciados sobre a “incompreensão do tema por parte dos alunos” e que respeita a professores do grupo Não MEM. Estas referências não são suficientemente claras, porque não é verosímil que crianças em idade escolar não compreendam tal tema.

Se associarmos a resposta a esta pergunta à pergunta F sobre as dificuldades que os professores imaginam que se lhes poderão deparar se vierem a abordar o tema da violência doméstica com os alunos, então verificaremos que tal como aconteceu com a pergunta complementar de como abordaria o tema, também aqui o elenco de dificuldades previsíveis ou imaginadas é bem mais alargado do que as que foram verificadas realmente na acção educativa já empreendida.

Com efeito, professores de ambos os grupos referiram dificuldades integradas em onze categorias diferentes, em oposição a seis categorias respeitantes às dificuldades vividas pelos professores que já abordaram o tema.

Pode igualmente avançar-se que algumas das categorias parecem corresponder a sinais de resistência à abordagem do tema, sobretudo revelada por professoras do grupo Não MEM, como a “incompreensão ou desinteresse dos alunos pelo tema” a “resistência das famílias à abordagem do tema” ou mesmo “a falta de formação do docente para a abordagem do tema”.

CONCLUSÃO

Este estudo concentrou-se nos valores revelados por professores confrontados com a problemática da violência doméstica contra as mulheres e pretendeu proceder ao levantamento das estratégias educativas e das dificuldades experimentadas ou previsíveis aquando da abordagem deste problema na educação escolar. A escolha desta população assentou na convicção de poder ser muito relevante o papel desempenhado pelos professores na prevenção deste problema social.

Em resposta à questão do posicionamento dos participantes deste estudo quanto aos valores face à problemática da violência doméstica contra as mulheres, pudemos observar que todas as professoras que constituem a amostra revelam uma posição feminista na resposta ao questionário de valores, sendo essa posição ainda mais consistente no caso das docentes pertencentes ao grupo MEM.

Quanto à questão da existência ou não de diferenças entre os dois grupos da amostra, a nível de valores em relação à violência doméstica, concluímos que de facto existem diferenças significativas em quatro das cinco subescalas analisadas e também no que respeita ao total da escala, revelando as professoras do grupo MEM claramente valores mais feministas do que as professoras do grupo Não MEM.

No que diz respeito à questão da maior predisposição por parte das professoras reflexivas (grupo MEM) em abordarem o tema da violência doméstica com os alunos, observámos que de entre as 27 docentes (em 79) que responderam afirmativamente à questão da abordagem deste problema na sala de aula, 18 fazem parte do grupo MEM e 9 pertencem ao grupo não MEM, o que indicia que as professoras reflexivas estão mais disponíveis para abordar o tema em questão com os alunos.

Facilmente se observa que as docentes que integram o grupo Não MEM utilizam estratégias mais estereotipadas, como a “abordagem por referência a normas e valores” ou o “recurso a especialistas na matéria” ao passo que as docentes que pertencem ao grupo MEM optam por abordar este problema “a partir do tema da família e da relação de Género”, “a partir dos

direitos humanos” e até através da “organização de debates”. Tais posições vêm confirmar as vantagens da discussão em grupo das estratégias educativas, tendo como objectivo central a melhoria da qualidade nas abordagens a desenvolver com os alunos.

Relativamente a limitações do estudo devemos referir o facto da amostra ser constituída apenas por mulheres, licenciadas, o que poderá ter influenciado o posicionamento feminista revelado.

Por outro lado, deve também referir-se que a amostra, embora contemple participantes de norte a sul do país, pela sua dimensão não permite que se façam generalizações a toda a população de professores.

Será talvez necessário alargar-se o campo teórico das investigações sobre esta problemática e variarem os instrumentos utilizados para recolha e tratamento da informação.

Será, também, desejável continuar a aprofundar as investigações sobre a violência doméstica no contexto da formação de professores e dos outros agentes da educação escolar com vista a mobilizar atitudes que contribuam para a concretização dos direitos humanos.

REFERÊNCIAS

- Associação de Apoio à Vítima (APAV) (2008) *Totais Nacionais*. Unidade de Estatística. Lisboa: Autor.
- Binney, V., Harkell, G & Nixon, J. (1985). *Leaving Violent: A study of Refuges and Housing for Abused Women*. Leeds: Women's Aid Federation England.
- Bograd, M. (1988) Feminist perspectives on wife abuse: an introduction, in Yllö, K. & Bograd, M., *Feminist Perspectives on Wife Abuse*. Newbury Park: Sage.
- Caplan, P. (1985). *The myth of women's masochism*. New York: American Library.
- Comissão de Peritos para o Acompanhamento da Execução do Plano Nacional contra a Violência Doméstica (2000). *Relatório Intercalar*. Lisboa: Ministério para a Igualdade.
- Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres (C.I.D.M.) (1997). *Portugal: situação das mulheres*. Lisboa: Autor.
- Costa, M. E. & Duarte, C. (2000). *Violência Familiar*. Porto: Ambar.
- Dobash, R. E. & Dobash, R. P. (1992). *Women, Violence and Social Change*. Londres: Routledge.
- Fisher, G. N. (1994). *A Dinâmica Social: Violência, Poder, Mudança*. Lisboa: Planeta/ISPA.
- Freeman, M. D. A. (1979). *Violence in the Home*. Farnborough: Saxon House.
- Gayford, J.J. (1975). Wife battering: a preliminary survey of 100 cases. *British Medical Journal*. 25 de Janeiro, págs. 194-197.
- Hanmer, J. & Stanko, E (1985) Stripping away the rhetoric of protection: violence to woman, law and the state in Britain and the USA. *International Journal of the Sociology of law*, vol. 14, nº4.

- Heise, L. (1994). *Violence Against Women: The Hidden Burden*. Washington: World Bank.
- Hoff, L. A. (1990). *Battered women as survivors*. New York: Routledge.
- Hoff, L. A. (1994). *Violence issues: an interdisciplinary curriculum guide for health professionals*. Ottawa: Health Canada.
- Jervis, M. (1986). Why Asian women need a helping hand. *Social Work Today*, vol. 17, nº49, págs. 7-8.
- Kaufman Kantor, G. & Strauss, M. A. (1987). The “drunken bum” theory of wife beating. *Social Problems*, 34, 213-230.
- Kelly, L. (1988). *Surviving Sexual Violence*. Cambridge: Polity Press.
- Kituse, J. I., & Spector, M. (1973). The definition of social problems. *Social Problems*, 20(4), 407-419.
- Lansky, M. (1987). Shame and domestic violence. In Donald Nathanson (Ed.). *The many faces of shame*. New York: The Guilford Press.
- Maria, S. (1997). *Violência Doméstica contra as mulheres e os valores religiosos*. (Monografia de Licenciatura em Psicologia Clínica). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Maynard, M. (1993), Violence towards woman, in Richardson, D. & Robinson, V., *Introducing Woman's Studies*. Basingstoke: Macmillan.
- Mullender, A. (1995). Group for children who have lived with domestic violence: learning with North America. *Groupwork* Vol.8, nº1, Págs.79-98.
- Pagelow, M. D. (1981). *Woman Battering: Victims and Their Experiences*. Beverly Hills: Sage.
- Pahl, J. (1985). *Private Violence and Public Policy: The Needs of Battered Women and the Response of the Public Services*. Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Ptacek, J. (1988). *Why do Men Batter their Wives?* Newbury Park: Sage.

- Quindlen, A. (1998). *Negra de Amor*. Lisboa: Quetzal.
- Radford, J. & Stanko, E. (1996). Violence against women and children: the contradictions of crime control under patriarchy. In Hester, M., Kelly, L. & Radford, J. (Eds.), *Women, violence and male power* (pp. 65-80). Buckingham: Open University Press.
- Rocha, T. & Vieira, M. (1990). Violação e espancamento: mitos e consequências. *Análise Psicológica*, VIII (2), 179-186.
- Rosales, C. (1992). *Avaliar é Reflectir Sobre o Ensino*. Porto: Asa.
- Russel, D. E. H (1990), *Rape in Mariage*. Bloomington, Indiana University Press
- Schön, D. A. (1983) *The Reflective Practitioner: How professional think in action*. USA: Basic Books
- Schön, D. A. (1992). *La Formación de Profesionales Reflexivos*. Barcelona: Paidós.
- Shainess, N. (1984), *Sweet Suffering: Woman as Victim*. Nova York: Pocket Books.
- Silva, L. F. (1991). “O direito de bater na mulher” – violência interconjugal na sociedade portuguesa. *Análise Psicológica*, 26 (3), 385-397.
- Silva, L. F. (1995). *Entre marido e mulher alguém meta a colher*. Celorico de Basto: À bolina.
- Smith, L. (1989). *Domestic Violence: An Overview of the Literature*. Londres: Home Office Research Study 107, Londres, HMSO.
- Stanko, E. A. (1985). *Intimate Intrusions: Women’s Experience of Male Violence*, Londres: Routledge & Kegan Paul.
- Strauss, M. A. (1980). Victims and aggressors in marital violence. *American Behavioural Scientist*, 23, 681-704.
- UNICEF (2000)- *Innocenti Research Centre* (irc)
- United Nations (1993). *Strategies for confronting domestic violence: a resource manual*. New York: Author.

Walker, L.E.A (1978). Battered Women and learned helplessness. *Victimology*, vol. 2, nº3-4, 525-534.

Weis, J. (1989). Family violence research methodology. In L. Ohlin & M. Tonry (Eds.), *Family violence* (pp. 117-162). Chicago: The University of Chicago Press.

Zeichner, K. M. (1993). A Formação Reflexiva de Professores: Ideias e Práticas. Lisboa: Educa-Professores.

ANEXOS

ANEXO A- Questionário Demográfico

FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

1. PROFESSORA DE:

- 1º ciclo. ☐
- 2º ciclo. ☐ Disciplina_____
- 3º ciclo. ☐ Disciplina_____

2. HÁ QUANTOS ANOS É PROFESSORA:_____

3. ESCOLA ONDE É PROFESSORA:_____

4. IDADE_____

5. ESTADO CÍVIL:_____

ANEXO B- Escala de Valores

Este questionário tem como objectivo a recolha de dados para a elaboração da monografia de fim de licenciatura.

O questionário é constituído por:

- Uma ficha de identificação, cujos dados têm apenas uma finalidade estatística, sendo totalmente confidenciais.
- 54 questões fechadas sobre as mulheres, a família, o casamento e a violência, cujas respostas variam de "*concordo totalmente*" a "*discordo totalmente*".
- 3 questões abertas sobre violência contra as mulheres na família, centradas na opinião de docentes do sexo feminino

Leia atentamente todas as questões.

Responda de forma sincera, de acordo com a sua opinião.

Gratos pela sua colaboração.

Faça um círculo em torno do número que escolher como resposta a cada um dos enunciados:

Concordo totalmente	Concordo	Não sei, não tenho a certeza	Discordo	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 1. O lugar da mulher é em casa com os filhos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 2. Uma mulher só deve trabalhar fora de casa se for financeiramente necessário. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 3. A mulher é o coração da casa e o homem a cabeça. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 4. A mulher deve ter as mesmas oportunidades no trabalho, que o homem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 5. Se o pai e a mãe discordam em relação ao dinheiro disciplina das crianças ou outros aspectos, o homem deve ter a última palavra. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 6. A maior parte dos homens não assume as suas responsabilidades na educação das crianças, tarefas domésticas, etc. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 7. Se um homem e uma mulher discordam acerca de dinheiro, da disciplina das crianças etc, devem tentar chegar a uma solução de comum acordo. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 8. As ideias actuais acerca da emancipação da mulher | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

são responsáveis por muitos dos problemas entre os casais.

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 9. A casa de um homem é o seu reino. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 10. As mulheres casadas estão em melhor situação se forem economicamente independentes. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 11. Entre marido e mulher ninguém mete a colher. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 12. Poupar na tarefa, é estragar a criança. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 13. Os homens batem nas mulheres porque elas os provocam. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Concordo totalmente	Concordo	Não sei, não tenho a certeza	Discordo	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 14. As mulheres têm que permanecer ao lado dos homens, ainda que estes sejam violentos, por causa das crianças. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 15. Um homem não deve nunca bater numa mulher independentemente do que ela possa fazer para o provocar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 16. É aceitável uma mulher esbofetear um homem se este a insultar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 17. Provavelmente as mulheres não apanhavam se tivessem mais respeito pelos homens. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 18. Por mais que uma mulher se esforce, é quase impossível agradar a um homem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 19. É inevitável um certo grau de violência entre homens e mulheres. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 20. Se um homem bate numa mulher, é porque não se consegue controlar e, por isso, deve ser perdoado. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 21. Por mais que um homem se esforce, é quase impossível agradar a uma mulher. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 22. Os homens que batem nas suas mulheres devem | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

ser legalmente responsabilizados.

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 23. Os homens que batem nas suas mulheres não estão no seu juízo perfeito. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 24. As mulheres permanecem nas relações violentas porque são demasiado cobardes para sair. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 25. As mulheres permanecem em relações violentas porque acreditam que o seu homem poderá mudar. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Concordo totalmente	Concordo	Não sei, não tenho a certeza	Discordo	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 26. As mulheres permanecem em relações violentas devido a dificuldades económicas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 27. As mulheres permanecem nas relações violentas porque acreditam que é preferível uma relação violenta a não ter nenhuma. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 28. As mulheres deixam as relações violentas quando sentem as suas vidas seriamente ameaçadas. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 29. As mulheres permanecem nas relações violentas porque, normalmente, não têm mais nenhum sítio para onde ir. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 30. O casamento é, normalmente, melhor negócio para os homens do que para as mulheres. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 31. Se os homens gostassem mais das mulheres, haveria, provavelmente, menos violência entre eles. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 32. O fim do milénio terá efeitos negativos na família. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 33. Deveria existir um maior apoio do Estado às mulheres vítimas de violência e às suas crianças. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 34. Deveriam existir leis mais severas para proteger as mulheres. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

- | | | | | | |
|---|---|---|---|---|---|
| 35. As mulheres são vítimas de agressão devido às ideias antiquadas acerca dos homens e das mulheres. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 36. É da natureza dos homens serem agressivos e, por vezes, violentos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 37. É da natureza das mulheres serem mais meigas do que os homens. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 38. Normalmente as mulheres só são violentas em auto-defesa. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Concordo totalmente	Concordo	Não sei, não tenho a certeza	Discordo	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 39. Um verdadeiro homem não bate na mulher. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 40. Uma mulher não se realiza totalmente sem uma
relação íntima com um homem. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 41. Uma mulher não se realiza totalmente se não tiver
filhos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 42. O mais importante na vida de uma mulher é o marido
e os filhos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 43. Um homem não se realiza totalmente se não tiver
filhos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 44. O mais importante na vida de um homem é a mulher
e os filhos. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 45. É muito importante para um homem ter um emprego
bem pago ou outras fontes de rendimento regulares. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 46. É muito importante para uma mulher ter um emprego
bem pago ou outras fontes de rendimento regulares. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 47. Nada pode ser realmente feito para impedir os homens
de serem violentos. Por isso, as mulheres que estão
sujeitas às suas agressões apenas têm que fazer o
melhor que puderem para se ajudarem a elas próprias. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

- | | | | | | |
|--|---|---|---|---|---|
| 48. Se não fosse a bebida, não haveriam tantos problemas de violência contra as mulheres. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 49. A maior parte da violência doméstica ocorre nas minorias raciais e, pobres ou desempregados. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 50. As mulheres vítimas de violência doméstica são pouco apoiadas pelos médicos, advogados e Igreja. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 51. Se as mulheres se unissem mais, provavelmente, existiriam menos mulheres vítimas de violência doméstica. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |
| 52. Quase tudo, até mesmo a violência, será melhor do que viver sozinho. | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 |

Concordo totalmente	Concordo	Não sei, não tenho a certeza	Discordo	Discordo totalmente
1	2	3	4	5

53. Uma mulher poderá ter de ser desleal com a família
no sentido de se proteger de maus-tratos físicos. 1 2 3 4 5
54. O abuso psicológico de mulheres poderá ser ainda
pior que o abuso físico. 1 2 3 4 5

Continue s.f.f.

***ANEXO C- Questionário sobre a abordagem da Violência doméstica na
educação escolar (perguntas abertas).***

a) Já alguma vez abordou o tema da **Violência Doméstica**, na sala de aula?

Sim ☐

Não ☐

b) Se respondeu sim, diga como o abordou e que dificuldades teve:

c) Se respondeu não, diga se o considera:

Pouco Importante ☐

Importante ☐

d) Se respondeu: Pouco Importante, justifique a sua opção:

e) Se respondeu: Importante, de que forma pensa que poderia abordar o tema da **Violência Doméstica**, nas aulas? _____

f) Quais seriam, quanto a si, as principais dificuldades que teria de enfrentar ao tratar este tema, na sala de aula? Enumere-as.

g) Tem reflectido, em grupo de professores, sobre as práticas educativas?

Regularmente ☐

De vez em quando ☐

Raramente ☐

h) Se respondeu: **Regularmente**, diga em que contexto o tem feito: _____

Comentários adicionais :

ANEXO D- Análise de Conteúdo das perguntas abertas

ANÁLISE DE CONTEÚDO DAS PERGUNTAS ABERTAS

PERGUNTA A:

Já alguma vez abordou o tema da Violência Doméstica, na sala de aula?

Grupo MEM

Sim- 18 respostas_ 45%

Não- 22 respostas_ 55%

Grupo Não MEM

Sim- 9 respostas _ 23%

Não- 28 respostas_72%

Não responderam- 2 respostas_ 5%

PERGUNTA B:

Diga como abordou o tema da Violência Doméstica e que dificuldades teve.

Como abordou o tema?

Grupo MEM (23 enunciados)

No contexto do currículo: 22%

A propósito de um texto e a partir da análise das suas personagens.

No contexto da concepção de respeito entre o homem e a mulher.

Discussão do tema através da referência aos conceitos de solidariedade e compreensão.

Conversa com os alunos tendo por base o respeito pelos outros.

Abordagem tendo em conta a resolução do problema pelo diálogo e respeito entre os parceiros.

A partir da vivência dos alunos: 35%

Conversa com a turma sobre vivências de uma aluna da turma.

Através das experiências de um aluno.

Relato feito por um aluno.

Relatos de crianças em reunião de conselho. Confidências das crianças vítimas aos seus colegas.

Tendo em conta as vivências dos alunos e os textos escritos por eles.

Iniciativa das crianças em conversarem sobre o tema pelas suas experiências.

Relato de uma criança em relação a familiares seus, seguido de outros relatos semelhantes feitos por outras crianças.

Relatos das crianças em relação ao tema.

Abordagem directa e informal: 9%

Abordagem simples e clara.

Conversa informal.

Por iniciativa dos alunos: 13%

Aquando do surgimento do tema da violência, colocado por uma aluna.

Tema trazido pelas crianças e professor como moderador da discussão.

Iniciativa dos alunos e representação por expressão teatral e expressão corporal.

Organização de debates: 22%

Debates sobre direitos humanos onde se discutiu o tema da violência doméstica.

Estabelecimento de debates sobre os problemas das crianças que são vítimas da presença da violência doméstica em suas casas.

Debates sobre os direitos das crianças em que se discutiram os problemas da violência na família.

Debate baseado num documentário sobre o tema, visto por aluno.

Debate após visionamento de uma ilustração sobre o tema, visto num livro.

Grupo NÃO MEM (11 enunciados)

Organização de debates: 18%

Conversas com os alunos, acerca do modelo dominante do homem como sexo forte.

Confrontação de ideias.

A partir da vivência dos alunos: 55%

Relatos de crianças, em relação ao tema.

Relato de uma criança, em relação a incidentes ocorridos em sua casa.

Relatos das experiências das crianças, em relação ao tema.

Abordagem devida á existência de casos de V.D. em casa de algumas crianças.

Relato de uma criança, posterior desafio para que fizesse um desenho da família.

Reconhecimento por parte de várias outras crianças, de que tinham o mesmo problema em suas casas.

No contexto do currículo: 27%

Situações pontuais, no projecto Direito a Cidadania. Abordagem da igualdade de direitos.

Abordagem através do papel da mulher ao longo da História.

Situações do dia-a-dia, notícias dos *media*, contexto do currículo.

Que dificuldades teve?

Grupo MEM (8 enunciados)

Vivência traumática de alunos: 50%

Dificuldade em não ferir susceptibilidades desse aluno.

Dificuldades em relação aos alunos que viveram essa violência.

Dificuldade em descentrar o tema da criança vítima de violência.

Dificuldade na abordagem do tema com crianças vítimas de violência.

Tema delicado: 25%

Tema difícil mas abordagem não.

Dificuldade apenas pelo melindre do tema.

Pouca idade dos alunos: 12,5%

Dificuldades pela pouca idade das crianças e pelas experiências de algumas.

Assunto que não reúne consensos: 12,5%

Dificuldade em haver consenso quanto ao tema.

Grupo NÃO MEM (7 enunciados)

Incompreensão do tema por parte dos alunos: 29%

Dificuldade de abordagem do tema, pelo desconhecimento da gravidade do tema, por parte das crianças.

Dificuldade na explicação deste problema.

Vivência traumática de alunos: 43%

Dificuldade em relação aos alunos que vivenciaram a experiência de violência.

Dificuldade pelo receio de partilhar casos pessoais, devido ao receio de represálias.

Dificuldade pela necessidade de preservar a privacidade destas crianças e dificuldade em não dramatizar demasiado os factos.

Preconceitos educativos e culturais: 14%

Dificuldade gerada pelos padrões educativos e culturais, tradicionais que passam ainda de pais para filhos.

Tema delicado: 14%

Não houve grande dificuldade.

PERGUNTA C:

*Se respondeu não, diga se o considera importante: **importante** ou **pouco importante**:*

Importância para a educação escolar.

Grupo MEM

Importante: 22 respostas-100%

Pouco importante:0 respostas-0%

Grupo NÃO MEM

Importante: 27 respostas-90%

Pouco importante: 3 respostas-10%

PERGUNTA D

*Se respondeu **pouco importante** (a abordagem do tema da V.D.), justifique a sua opção:*

Grupo MEM

(0 enunciados)

- Ninguém respondeu

Grupo NÃO MEM

(3 enunciados)

Pouco importante pois os alunos de 1º ciclo não percebem o significado de Violência Doméstica.

O assunto é demasiado melindroso para ser tratado na sala de aula.

Tem que ser uma pessoa preparada para abordar um assunto como este. A disciplina em causa não se adequa á abordagem do tema.

PERGUNTA E

*De que forma pensa que **poderia abordar** o tema da Violência Doméstica, nas aulas?*

Como abordaria o tema?

Grupo MEM (20 enunciados)

A partir de notícias dos media: 25%

Conversa com os alunos, baseada em factos reais, notícia da TV ou jornal.

Leitura de notícias de jornal e sua análise crítica.

Aproveitando uma notícia ou caso pessoal.

Notícias de TV e relatos de alunos.

Sugestão de um aluno por uma notícia lida. Levantamento de hipóteses sobre possíveis causas.

A partir do tema da família e da relação de Género: 10%

Num dos temas que giram á volta da família e os papeis do homem e da mulher.

Abordagem inserida no tema das relações familiares. Trabalho de grupo.

A partir dos direitos humanos: 10%

Generalizando, atendendo ao respeito pelas pessoas e pelo seu espaço.

Através da temática dos Direitos Humanos.

A partir da relação violenta entre pares: 20%

Abordagem a partir de exemplos de actos violentos ocorridos dentro da sala de aula.

Partindo da relação entre colegas.

Relatos dos alunos que tivessem contacto directo/indirecto com este problema.

Abordagem baseada nas relações entre os alunos, dando exemplos de violência entre pares, na vida real.

Numa perspectiva histórica: 5%

No contexto da história das mentalidades, analisando situações presentes e comparando com situações do passado.

A partir da ficção ou por dramatização: 5%

Utilizando técnicas de dramatização.

Organização de debates: 10%

Debates onde todos possam dar a sua opinião.

Debate aberto mas cauteloso.

No contexto do currículo: 15%

Possível abordagem do tema integrada no programa.

Abordagem inserida no tema da educação sexual e educação para a cidadania.

Abordagem numa aula de Matemática, inserida num problema de estatística.

Grupo NÃO MEM (23 enunciados)

A partir da vivência dos alunos: 9%

A partir dos relatos dos alunos.

Criando situações favoráveis ao testemunho, por parte dos alunos, das suas próprias vivências de violência doméstica.

A partir de notícias dos *media*: 9%

Suportada em notícias vindas nos media.

Com notícias nos meios de comunicação.

Abordagem com ajuda de especialistas na matéria: 22%

Convidando elementos ligados a associações contra a violência doméstica, para esclarecerem os alunos.

Abordagem tendo em conta o grupo de alunos, o contexto. Pedido de opinião a colegas mais por dentro deste tema.

Criando situações favoráveis ao testemunho, por parte dos alunos, das suas próprias vivências de violência doméstica.

Falando nos maus-tratos entre familiares.

Partindo de uma situação real, vivida por um dos alunos.

A partir da ficção ou por dramatização: 17%

Utilizando técnicas de dramatização.

Através de contos que estabelecessem um paralelo com o tema.

Troca de impressões com os alunos seguida da concepção de cartazes alusivos ao problema.

Utilizando a dramatização e recorrendo a personagens de ficção.

Abordagem directa e informal: 9%

De forma simples e directa. Alertando os alunos para o problema e sensibilizando-os a não procederem de tal modo, de futuro.

Desdramatizando o problema, de forma a debater com os alunos, obtendo claramente as suas opiniões.

Através da referência a normas e valores: 17%

Partindo dos conceitos de violência, moral e ética. Apresentando casos práticos.

Partindo da relação entre os alunos, do respeito entre todos.

Com crianças muito pequenas, a abordagem seria feita de forma indirecta, pelo inculcar de valores e normas sociais.

Partindo do abuso de poder de alguns alunos mais fortes fisicamente, em relação aos mais fracos, mostrando indignação em relação a essas atitudes. Inculcando a partir daí os valores do respeito e da amizade.

No contexto do currículo: 9%

Integração do tema no programa da cadeira, a propósito do papel da família.

No campo da Estatística, obtendo dados reais sobre este problema.

Sem estratégia pensada: 9%

Assunto subjectivo e de abordagem delicada.

Tema de difícil discussão.

PERGUNTA F

*Quais seriam, quanto a si, as **principais dificuldades** que **teria de enfrentar** ao tratar este tema, na sala de aula? Enumere-as.*

Que dificuldades poderá ter?

Grupo MEM (24 enunciados)

Vivência traumática de alunos: 50%

Dificuldade pela existência de situações de violência familiar em alunos da turma.

Dificuldade pela leitura que cada aluno faz dos problemas, ter a ver com as suas vivências próprias, o que condicionará as suas posições.

Tema que pode estar directamente ligado á vida afectiva de algumas crianças pelo que terá que haver tacto.

Principal dificuldade seria a familiaridade que alguns alunos poderiam ter com o tema.

Alunos testemunhas (na própria casa) da Violência Doméstica.

Dificuldade em obter as opiniões por parte de alunos que tiverem vivenciado experiências traumáticas de violência doméstica.

Dificuldade se tivesse na sala de aula crianças vítimas de violência doméstica.

Dificuldades, pois uma criança vítima de Violência Doméstica poderia suscitar alguns constrangimentos na abordagem. Seria necessário garantir um clima de respeito e solidariedade, sentimentos de cada um, e de confiança para que estas pudessem expressar os seus pontos de vista e reflectir sobre o assunto.

O receio de que fossem trazidas para discussão situações reais de violência que as crianças tivessem vivido.

Dificuldade se tivesse crianças com ambientes familiares deste teor, teria de tratar esta temática com alguma acuidade para não ferir susceptibilidades.

A possível identificação de algumas crianças com as histórias dramatizadas.

Dificuldade prende-se com o facto de temer dar opinião sobre um tema que tem implicados valores, experiências dolorosas e que podem estar presentes no grupo de discussão.

Tema que não reúne consenso: 8%

Dificuldade em sensibilizar os alunos para uma análise crítica e isenta do tema.

Dificuldade em discutir o tema com os alunos. Dificuldade em chegar a um consenso que permitisse encontrar soluções para o problema, devido ao facto de os elementos de cada sexo culparem o sexo oposto pelo problema da violência doméstica.

Pouca idade dos alunos: 4%

Dificuldade devida á incompreensão do tema por crianças muito novas.

Preconceitos educativos e culturais: 13%

Dificuldade pelos elevados preconceitos existentes em relação a este problema, nomeadamente a ideia de que a sociedade não se deve meter nas discussões familiares: “entre marido e mulher não se mete a colher”. O machismo e o papel secundário da mulher nas decisões familiares.

Dificuldade na forma de abordar o tema, pela não assunção e escassa discussão deste problema, por parte das famílias.

Dificuldades em levar os alunos a tratarem este problema de forma séria, sem que incorressem em piadas fáceis, nomeadamente os rapazes em relação ás suas colegas.

Falta de informação e documentação sobre o tema: 13%

Dificuldade em encontrar documentação adequada á abordagem desta problemática.

Dificuldade pela falta de documentação adequada e por algumas reticências por parte dos alunos.

Dificuldade pela falta de informação dos alunos em relação ao tema, o que os faz serem pouco sensíveis ás causas deste problema, mostrando-se até favoráveis ao domínio de poder do homem sobre a mulher

.

Falta de opiniões autónomas dos alunos: 8%

Dificuldade em fazer despoletar tomadas de consciência nos alunos.

A expectativa que os alunos depositam no professor em que este tome algum partido, contra ou a favor do problema.

Previsão de poucas dificuldades: 4%

Não há previsão de grandes dificuldades.

Grupo NÃO MEM (33 enunciados)

Vivência traumática de alunos: 43%

Dificuldade devido às condições de vida de alguns alunos.

Dificuldade pela própria vida das crianças.

Dificuldade por situações em que os próprios alunos se sintam identificados.

Dificuldade devida à existência de alunos que vivenciem ou tenham vivenciado casos de violência familiar.

Dificuldade pelo impacto do relato feito pelas crianças.

As vivências de alguns alunos, que lhes podem provocar inibições.

Dificuldade por ter de lidar com crianças que vivem este problema em casa.

Dificuldades dizem respeito ao facto de alguns alunos poderem viver este problema nas suas casas.

Dificuldade pelo medo dos alunos, de exporem casos pessoais.

Dificuldade pela possível revolta e alguma confusão sobre o assunto em alunos que vivenciem maus-tratos nas suas casas.

Dificuldade em que as vítimas de Violência doméstica falem sobre o tema.

Dificuldade em abordar a questão de forma geral, sem aprofundar muito, deixando que sejam as próprias crianças a irem ao encontro das questões, salvaguardando, assim, as crianças com experiências mais dolorosas.

Dificuldade devida aos alunos associarem o problema à violência física que os seus pais usam sobre as suas mulheres, quando chegam a casa alcoolizados.

Tratar o problema sem invadir a privacidade dos alunos.

Pouca idade dos alunos: 9%

Dificuldade pela pouca idade das crianças.

Dificuldade devida à pouca idade das crianças.

Dificuldade devida à pouca idade dos alunos e a sua falta de maturidade.

Falta de formação do docente para a abordagem do tema: 6%

Dificuldade devida à pouca experiência por parte do professor, em lidar com este problema e consequente dificuldade em transmitir o tema aos alunos.

Dificuldade pela pouca preparação do professor para tratar este assunto.

Preconceitos educativos e culturais: 6%

Valores retrógrados inculcados através de gerações, pelos avós e pelos pais, que postulam que a mulher é um ser inferior ao homem.

Dificuldades devidas á influência da educação, desadequada, que os pais transmitem ás crianças.

Resistência das famílias à abordagem do tema na escola: 6%

Dificuldade de compreensão, por parte dos pais, em relação á abordagem de um tema desta natureza na escola.

Barreiras das famílias das crianças, em relação á abordagem deste tema na escola.

Incompreensão ou desinteresse dos alunos pelo tema: 18%

Dificuldade do conceito de violência doméstica e sua percepção.

Subjectividade do tema. A atitude dos alunos.

Dificuldades relacionadas com o pouco interesse dos alunos pelo tema e falta de dados disponíveis sobre o assunto.

Conseguir motivação e participação dos alunos na discussão deste tema.

Dificuldade em pôr os alunos a discutir as causas deste problema e levantarem hipóteses de resolução deste.

Dificuldade em transmitir aos alunos que a violência doméstica está directamente relacionada com questões culturais.

Tema muito delicado para ser abordado colectivamente: 12%

Dificuldade pela delicadeza do tema pois muitos casos de violência doméstica permanecem desconhecidos por medo ou por vergonha.

O tema deveria ser abordado apenas se houvesse situações de alunos que estivessem a viver esta problemática.

Possibilidade de ferir a sensibilidade de algum aluno.

O assunto deveria ser abordado individualmente.

ANEXO E- Outputs extraídos do tratamento estatístico efectuado

One-way

Descriptives

		N	Mean	Descriptives	Std. Error	95% Confidence Interval for Mean		Minimum
						Lower Bound	Upper Bound	
CULVIOL	MEM	40	4.5208	.5588	8.835E-02	4.3421	4.6995	3.00
	N. MEM	39	4.2308	.7261	.1163	3.9954	4.4661	2.33
	Total	79	4.3776	.6590	7.414E-02	4.2300	4.5252	2.33
DETBIO	MEM	40	4.1500	.6491	.1026	3.9424	4.3576	2.00
	N. MEM	39	3.6838	.6880	.1102	3.4607	3.9068	2.00
	Total	79	3.9198	.7045	7.926E-02	3.7620	4.0776	2.00
MEDVIOL	MEM	40	3.7333	.6369	.1007	3.5296	3.9370	2.67
	N. MEM	39	3.5299	.5657	9.058E-02	3.3465	3.7133	2.67
	Total	79	3.6329	.6076	6.836E-02	3.4968	3.7690	2.67
IGUECO	MEM	40	4.0917	.4713	7.452E-02	3.9409	4.2424	3.00
	N. MEM	39	3.7692	.6585	.1054	3.5558	3.9827	2.33
	Total	79	3.9325	.5905	6.643E-02	3.8002	4.0647	2.33
PRICONJ	MEM	40	3.9750	.5718	9.041E-02	3.7921	4.1579	2.33
	N. MEM	39	3.5641	.6267	.1003	3.3610	3.7672	2.33
	Total	79	3.7722	.6305	7.094E-02	3.6309	3.9134	2.33
ABPSIC	MEM	40	1.8000	.6869	.1086	1.5803	2.0197	1.00
	N. MEM	39	1.8462	.9043	.1448	1.5530	2.1393	1.00
	Total	79	1.8228	.7968	8.964E-02	1.6443	2.0013	1.00
TOTAL	MEM	40	188.5250	10.6835	1.6892	185.1083	191.9417	161.00
	N. MEM	39	181.1144	10.9720	1.7569	177.5577	184.6711	160.00
	Total	79	184.8666	11.3851	1.2809	182.3165	187.4167	160.00

ANOVA

	Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
CULVIOL	1.661	1	1.661	3.972	.050
	32.211	77	.418		
	33.873	78			
DETBIO	4.293	1	4.293	9.602	.003
	34.422	77	.447		
	38.714	78			
MEDVIOL	.817	1	.817	2.249	.138
	27.982	77	.363		
	28.799	78			
IGUECO	2.053	1	2.053	6.287	.014
	25.143	77	.327		
	27.195	78			
PRICONJ	3.334	1	3.334	9.276	.003
	27.676	77	.359		
	31.010	78			
TOTAL	1084.424	1	1084.424	9.251	.003
	9025.923	77	117.220		
	10110.347	78			

Test Statistics ^b

			CULVIOL	IGUECO
Mann-Whitney U			601.000	571.000
Wilcoxon W			1381.000	1351.000
Z			-1.803	-2.084
Asymp. Sig. (2-tailed)			.071	.037
Monte Carlo Sig. (2-tailed)	Sig.		.073 ^a	.037 ^a
	99% Confidence Interval	Lower Bound	.066	.032
		Upper Bound	.079	.042
Monte Carlo Sig. (1-tailed)	Sig.		.037 ^a	.020 ^a
	99% Confidence Interval	Lower Bound	.032	.016
		Upper Bound	.042	.023

a. Based on 10000 sampled tables with starting seed 743671174.

b. Grouping Variable: ASSOCIA

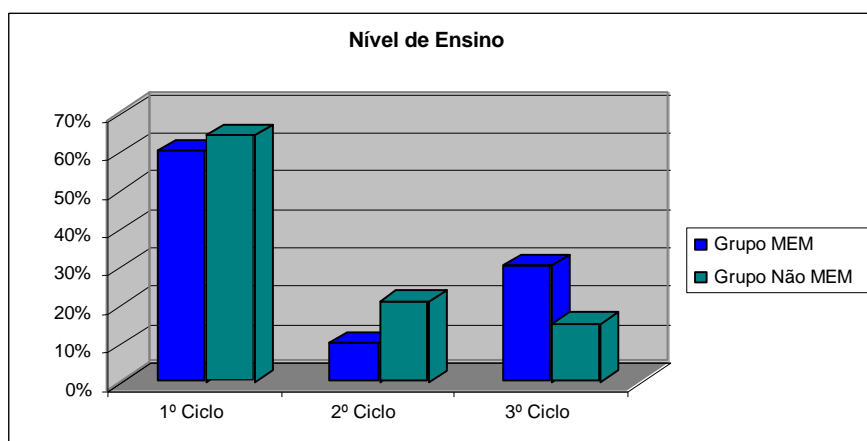
Test of Homogeneity of Variances

	Levene Statistic	df1	df2	Sig.
CULVIOL	3.901	1	77	.052
DETBIO	.006	1	77	.937
MEDVIOL	.808	1	77	.371
IGUECO	4.429	1	77	.039
PRICONJ	.427	1	77	.516
ABPSIC	3.055	1	77	.084
TOTAL	.122	1	77	.728

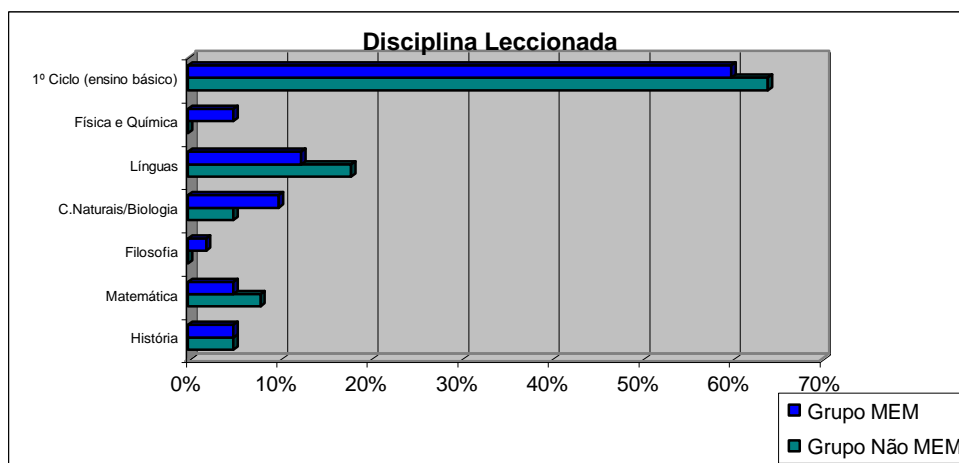
Ranks

		ASSOCIA	N	Mean Rank	Sum of Ranks
CULVIOL	MEM		40	44.47	1779.00
	N. MEM		39	35.41	1381.00
	Total		79		
IGUECO	MEM		40	45.22	1809.00
	N. MEM		39	34.64	1351.00
	Total		79		

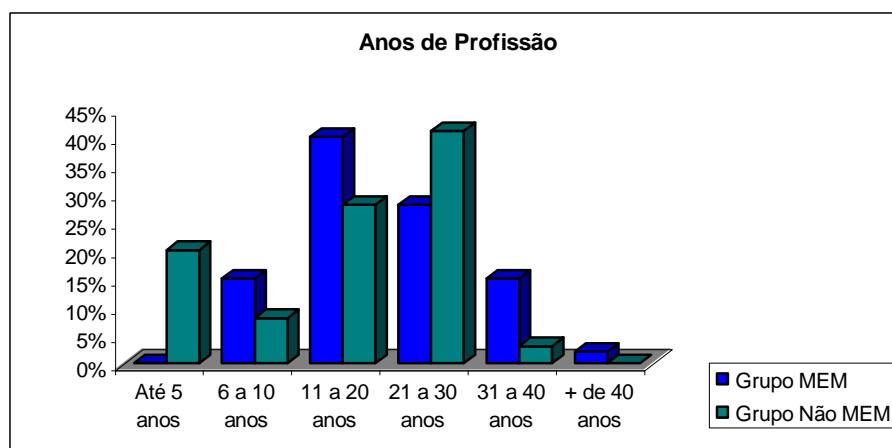
ANEXO F- Representação gráfica relativa à caracterização da amostra



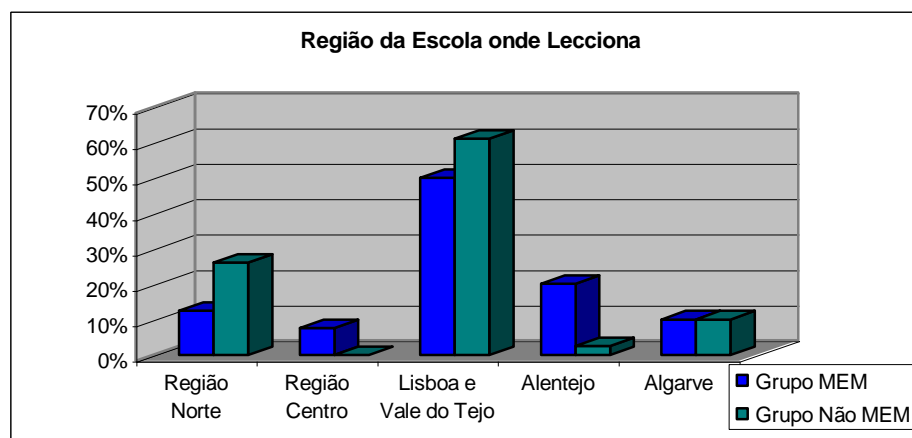
Distribuição percentual do nível de ensino em que os participantes leccionam.



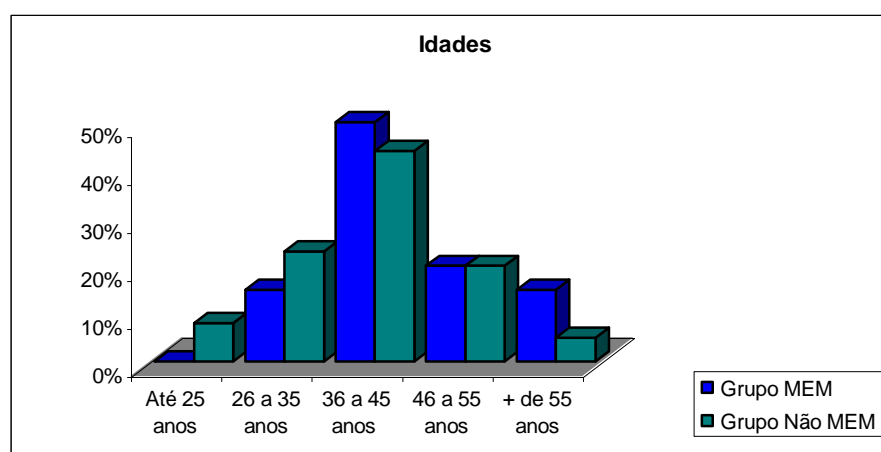
Distribuição percentual da disciplina leccionada.



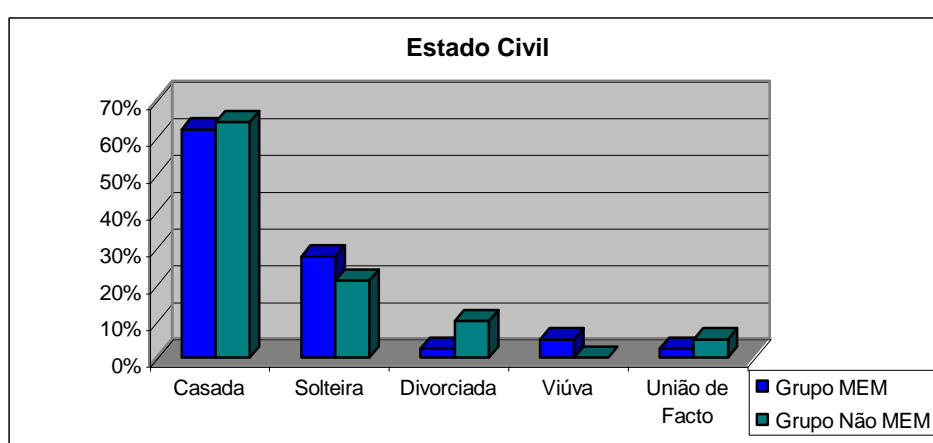
Distribuição percentual por anos de profissão dos participantes.



Distribuição percentual por região da escola onde os participantes leccionam.

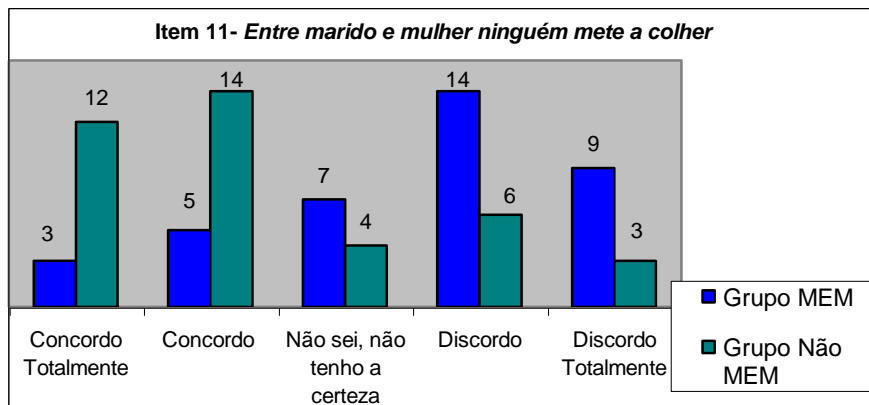


Distribuição percentual por idades dos participantes

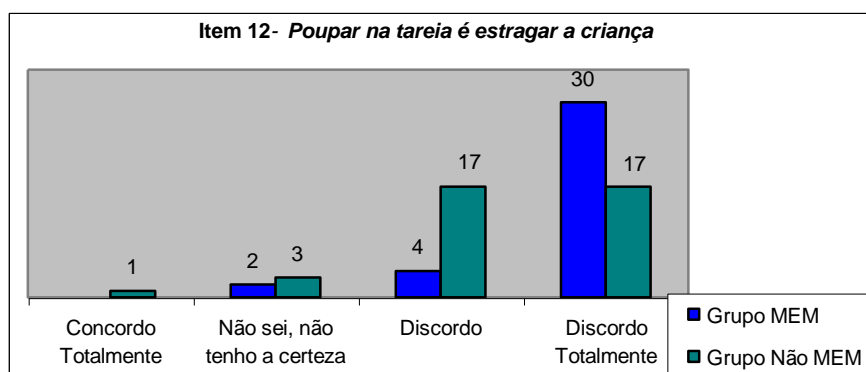


Distribuição percentual do estado civil dos sujeitos

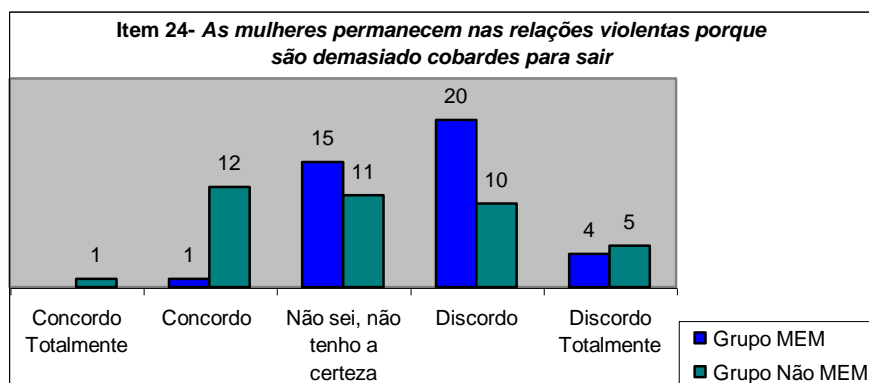
ANEXO G- Representação gráfica relativa às respostas a alguns itens que evidenciam as diferenças entre os participantes



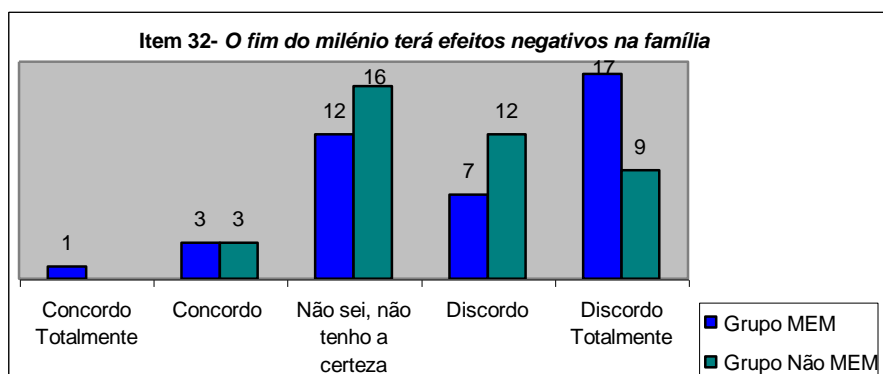
Item 11



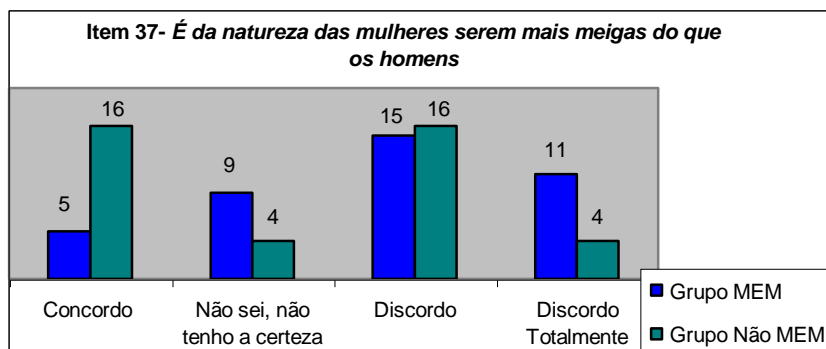
Item 12



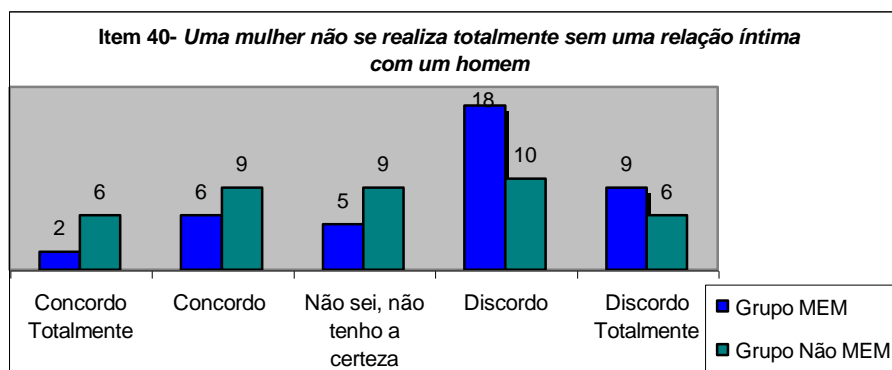
Item 24



Item 32



Item 37



Item 40